



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

EXPRESSÕES DA DESINÊNCIA VERBAL DE P6 NA VARIEDADE URBANA
CARIOCA: INTERFACE FONÉTICA-MORFOSSINTAXE PARA O
TRATAMENTO DA CONCORDÂNCIA

Jéssica Araújo Moraes da Rocha

Rio de Janeiro

2018

JÉSSICA ARAÚJO MORAES DA ROCHA

EXPRESSÕES DA DESINÊNCIA VERBAL DE P6 NA VARIEDADE URBANA
CARIOCA: INTERFACE FONÉTICA-MORFOSSINTAXE PARA O
TRATAMENTO DA CONCORDÂNCIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Doutora Silvia Rodrigues Vieira

RIO DE JANEIRO

2018

Rocha, Jéssica Araújo Moraes da.
Expressões da desinência verbal de P6 na variedade urbana carioca: interface fonética-morfossintaxe para o tratamento da concordância/Jéssica Araújo Moraes da Rocha. – 2018. 44 f.

Orientadora: Silvia Rodrigues Vieira.
Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 43-44.

1. Concordância verbal. 2. Fonética. I. Rocha/Jéssica Araújo Moraes da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, (2018). III. Título.

AGRADECIMENTOS

Durante quase todos os dias desses meus cinco anos de graduação, precisei enfrentar o desafio que se tornou, depois do desaparecimento (nada) misterioso dos guardas de trânsito do *campus*, atravessar do Centro de Tecnologia para a Faculdade de Letras. A tarefa parecia requerer o triplo da atenção, coragem e habilidades locomotoras dos meros leitores de Camara Jr. e Machado de Assis – hoje, assim como muitos outros, tenho uma coleção de tentativas fracassadas, cada uma em companhia de um susto por quase ter sido atropelada e por pelo menos dois xingamentos recebidos dos motoristas ansiosos pela chegada na Linha Vermelha. Mas não levamos muito tempo para aprendermos a nos organizar: reconhecida a dificuldade, percebemos que, se fôssemos muitos e caminhássemos juntos, dava certo. Foi assim, nunca sozinha, que literal e figurativamente eu cheguei ao lugar em que sempre quis estar.

A Deus agradeço pela proteção de sempre e por fazer possível essa trajetória e todos os agradecimentos abaixo.

Começo pelos meus pais: obrigada à minha mãe, Suely, por todas as tapiocas que me esperavam depois de um dia inteiro na Ilha do Fundão; por, em meio a tantos sacrifícios, plantar e regar os meus sonhos e se ver agora tão realizada quanto eu (ou mais!); e ao meu pai, Paulo Cesar, por mesmo cansado levantar cedo todos os dias para me acordar, fazer café enquanto eu me arrumava e me levar até o ponto de ônibus ou a rodoviária ou a estação de trem ou a estação de metrô ou onde quer que eu precisasse estar. Obrigada por serem tão fortes, por me ensinarem a valorizar a educação e por sempre falarem de mim com tanto orgulho.

Agradeço à Giovanna, minha irmã, pelo respeito e amizade; pelos dias em que reconheceu o meu cansaço e lavou a louça na minha vez; e por tornar tão mais divertidas (apesar de caras!) as minhas idas à faculdade quando precisava ou simplesmente decidia que queria ir comigo.

Ainda dentro do ciclo familiar mais íntimo, registro minha gratidão à Drica, minha companheira incondicional, que dormiu comigo em todas as noites de crise e, quando percebia minha tensão durante a escrita desta Monografia, chegava mais perto para fazer um carinho enquanto pisava no teclado e adicionava ao texto qualquer “kkkkkjhhjkl” que, por me fazer rir e agradecer pela sorte de tê-la comigo, eu tinha tanta pena de apagar.

Aos demais membros da minha família, agradeço por se sentirem, junto comigo e com toda a razão, vitoriosos. Destaco, nesta parte, os meus primos, que tornam minha vida mais alegre; as minhas madrinhas, que me estendem a mão antes mesmo que eu grite; e os meus avós, que, embora não estejam mais presentes fisicamente, deixaram marcas eternas que, de longe, são as maiores razões que tenho para visualizar a grandiosidade dessa conquista (como queria tê-los aqui para dizer que conseguimos!).

Sou grata aos amigos que conheci na UFRJ, com os quais compartilhei tantos risos e tantas dores (estou orgulhosa do caminho que trilhamos!), e aos amigos que conheci fora dela (a estes agradeço sobretudo pelas vezes em que me desligaram da faculdade... isso foi essencial!) por reconhecerem minha luta, me incentivarem tanto e, diante de cada êxito alcançado, manifestarem a mais sincera felicidade.

Agradeço a todos os professores, da graduação e anteriores a ela, que, proporcionando experiências positivas, contribuíram para que eu concluísse esta etapa que há poucos anos parecia tão distante. Em especial, agradeço aos professores de Português que fizeram crescer a minha paixão pelo estudo da nossa língua materna e aos professores de Literatura que tive na faculdade (e à Maria Coelho, professora que acompanhei no CAp durante o infundável período de estágio) por me permitirem enriquecer a minha vivência.

Ainda na esfera docente, mas em parágrafo à parte dada a singularidade de tudo o que ela representa, agradeço (mais uma vez) à minha orientadora, Silvia Vieira, que dividiu a minha vida em a.S. e d.S. proporcionando a concretização (e multiplicação) de todos os meus sonhos. Quero expressar meu reconhecimento e profunda gratidão por tanta paciência, cuidado, carinho e respeito que teve comigo durante a longa gestação deste trabalho.

Outros destinos já se revelam. Estejam aqui e, tenho certeza, forçando todos os carros a pararem e impedindo qualquer chance atropelamento, juntos chegaremos muito mais além.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTOS PARA A INVESTIGAÇÃO.....	9
2.1. O tratamento da interface fonética-morfossintaxe para o estudo da concordância: a variável saliência fônica.....	9
2.2. O aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista	14
3. METODOLOGIA.....	17
3.1. O <i>Corpus</i>	17
3.2. As etapas da pesquisa	18
4. AS VARIÁVEIS	19
4.1. A variável dependente.....	19
4.2. As variáveis independentes.....	20
4.2.1. Extralinguísticas	20
4.2.2. Linguísticas	22
5. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	26
5.1. Distribuição geral de dados.....	27
5.2. Primeira rodada multivariada: <i>padrão</i> vs. <i>não-padrão</i>	31
5.3. Segunda rodada multivariada: <i>nasal</i> vs. <i>não-nasal</i>	35
5.4. Síntese e apreciação crítica dos resultados	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo contribuir para o conhecimento dos padrões de concordância em variedades do Português através de um olhar específico sobre o fenômeno: analisam-se as realizações fônicas da desinência verbal de terceira pessoa do plural (P6) na variedade urbana carioca do Português Brasileiro (PB). O objeto, que se situa entre os níveis linguísticos morfossintático e fonético, é de natureza altamente variável. A título de exemplificação, observe-se a lista abaixo, com todas as variantes encontradas nos verbos *falar* (em 1) e *querer* (em 2) no presente do indicativo, tempo/modo verbal de maior expressão no *corpus* investigado.

- (1a) eles **fal[ẽw̃]** né economicamente (COP A 2 M)¹
- (1b) eles **fal[ẽ]** muito diferente de nó:s (NIG C 3 M)
- (1c) os (siques) **fal[ɐ]** o idioma (sique) (COP C 3 H)
- (1d) acho que todos dois **fal[õw̃]** né... (COP C 1 M)
- (1e) eles **fal[õ]** que é legal estudar aqui: (NIG A 1 H)
- (1f) eles **fal[õ]** política indigendista né? (NIG C 3 H)
- (1g) eles **fal[u]** eu falo... “ah: é: legal aí” (NIG A 2 H)
-
- (2a) eles **quer[ẽj]** uma aula mecânica (COP A 2 H)
- (2b) quando as pessoas **quer[ẽ]** estuDAR... (NIG C 1 M)
- (2c) parece que **quer[ĩ]** ver atividades (NIG A 3 M)
- (2d) uns **quer[i]** um trabalho (COP C 2 H)

¹ Os códigos inseridos ao final dos exemplos, que permeiam todo o texto, dizem respeito ao perfil do informante (no momento em que se realizou a entrevista sociolinguística) a que corresponde o trecho: as três primeiras letras fazem referência à localidade em que vivia, sendo COP para Copacabana e NIG para Nova Iguaçu – as regiões aqui contempladas; em seguida, é indicada por A ou C a sua faixa etária: a primeira para a mais jovem e a segunda para a mais velha; os números referem-se ao nível de escolaridade, sendo 1 para Ensino Fundamental, 2 para Ensino Médio e 3 para Ensino Superior; por último, identifica-se o sexo: M para mulheres e H para homens. Esses fatores e sua importância para a análise serão explicados com maior detalhamento mais adiante, na seção 3.

A necessidade desta investigação relaciona-se à relevância do princípio da saliência fônica, proposto por Lemle; Naro (1977) e desenvolvido em diversos estudos variacionistas sobre a concordância verbal – o que indica que, de fato, há no PB uma estreita relação entre a marcação explícita de plural e o grau de diferenciação dessa forma em relação à estrutura singular respectiva.

Para o tratamento variacionista dos dados, de modo a observar o encaixamento do fenômeno na estrutura da língua e no tecido social, o trabalho fundamenta-se nos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística de orientação laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Espera-se que sejam influentes, no plano extralinguístico, faixa etária, localidade e nível de escolaridade do informante e, no linguístico, tonicidade da sílaba em que se encontra a desinência, incidência de sândi e contexto fonético posterior ao verbo. A fim de verificar a atuação dessas e de outras variáveis consideradas, submeteram-se os dados ao tratamento estatístico através do pacote de programas GoldVarb X.

Este trabalho, que é parte do Projeto “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português”, faz uso do *Corpus* Concordância, por ele organizado. Foram extraídos dados de 24 gravações feitas com residentes de Copacabana e Nova Iguaçu (e seus respectivos entornos) entre os anos de 2008 e 2010.

Este texto divide-se em outras sete partes, além desta introdução. Na seção de número 2, revisitam-se os estudos que fundamentaram a análise aqui descrita. Na seção 3, apresenta-se a metodologia aplicada – o que se desdobra em descrever o *corpus* e detalhar as etapas do trabalho. A quarta seção dedica-se, primeiramente, a demonstrar a variável dependente da pesquisa e, depois, a elencar as variáveis independentes – bem como descrever os objetivos, as justificativas e as hipóteses que a elas se relacionam. Na seção de número 5, apresentam-se os resultados obtidos na rodada eneária e nas multivariadas, que são discutidos na 6ª seção. A seção 7 é destinada às considerações finais e a 8, às referências bibliográficas.

2. FUNDAMENTOS PARA A INVESTIGAÇÃO

Para o estudo das expressões fônicas da desinência verbal de terceira pessoa do plural na variedade brasileira do Português, fez-se necessário o embasamento em estudos que deram conta da interface entre níveis morfossintático e fonético (para o tratamento da concordância) e da teoria da variação e da mudança linguística. Apresentam-se, nesta seção, breves sínteses dessas contribuições.

2.1. O tratamento da interface fonética-morfossintaxe para o estudo da concordância: a variável saliência fônica

A iniciativa de tratar da interface fonética-morfossintaxe para o tratamento da concordância no Português é atribuída ao trabalho de Lemle; Naro (1977), pesquisa que tinha como um de seus objetivos elencar os pontos de dificuldade de aprendizado por parte de alunos do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e fornecer informações úteis para a melhoria do material didático utilizado nos cursos, uma vez que parecia grande a distância entre a(s) variedade(s) do público-alvo e a norma que se pretendia dominar.

Foi nesse trabalho, centrado em estruturas sintáticas e, de modo especial, na regra da concordância entre sujeito e verbo, que se pensou pela primeira vez na variável *saliência fônica*, princípio que, relacionado à percepção da presença de marca do plural, estabelece que a marcação da concordância é regulada pela (alta ou baixa) diferenciação entre a forma verbal plural e a singular. Esperava-se, portanto, que o cancelamento da regra atingisse em maior frequência pares opostos como *canta/cantam* e em menor pares do tipo *é/são*, pois neste último observa-se grande diferenciação fônica entre as formas e, por isso, a não implementação da concordância alcançaria o plano da consciência do falante/ouvinte – que, por sua vez, tenderia a evitá-la nesse caso.

Para o controle da variável, os autores propuseram escalas de saliência fônica, em que a sua atuação se daria por níveis que vão de baixa à alta incidência de marcação de plural – a divisão entre esses níveis leva em consideração fatores como regularidade, acentuação, nasalização e acréscimo de sílaba. A variável destacou-se, nesse estudo que foi pioneiro, na consideração da influência fonética no fenômeno da concordância e em diversos outros que, depois disso, também realizaram esse controle.

Em uma reanálise dos dados desse estudo, Guy (1981) investigou a relação entre o processo de desnasalização de ditongos átonos finais (hom[ẽ̃]~hom[I], sab[ẽ̃]~sab[I]) e a concordância verbal de terceira pessoa do plural. O autor tinha como hipótese que, em alguns casos (por exemplo, dos presentes regulares, como *anda/andam*), o que se interpretava como não aplicação da regra de concordância poderia ser, na verdade, resultado da atuação do processo fonológico em questão.

O autor dividiu o estudo em diversas etapas, dentre as quais estão o tratamento separado das formas verbais que contêm elementos fonéticos responsáveis pela manutenção da concordância mesmo com a queda da nasalidade na desinência de número (como o caso do pretérito perfeito: *dançaram*); a investigação dos fatores linguísticos condicionantes da desnasalização em dados verbais e nominais; e a elaboração de novas escalas de saliência fônica. Além desses procedimentos, foi também de grande relevância – na rodada feita pelo autor tomando a própria concordância como variável dependente – a consideração dos condicionantes da desnasalização e os contextos fonéticos (precedente e seguinte) como possíveis influências para a regra morfossintática – o que se confirmou.

Por fim, Guy (1981) chegou à conclusão de que o critério acentual não deve ser considerado para o estabelecimento dos níveis de saliência fônica, pois apenas reflete a possibilidade ou não de ocorrência da desnasalização, uma vez que o processo só é permitido em ambientes átonos e, portanto, não pode converter em estrutura singular um verbo em que a desinência de P6 se encaixa em uma sílaba tônica (*vão, estão, farão*). Assim, o autor defende que a diferenciação material (entre as estruturas singular e plural) é o que, de fato, garante a relevância da variável.

Chaves (2014) ocupou-se de tratar do conceito da saliência fônica fundamentando-se nos estudos da concordância verbal de P6 e na redução e/ou desnasalização de ditongos nasais átonos finais com o objetivo de assumir uma postura crítica frente a esses estudos e apontar lacunas que pedem uma averiguação mais rigorosa. Os estudos contemplados pela autora são Naro; Lemle (1976), Lemle; Naro (1977), Guy (1981), Naro (1981) e Nicolau (1984, 1995). Após explorar e confrontar as reflexões levantadas nesses trabalhos, a autora relaciona a discussão ao quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, segundo Weinreich; Labov; Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994, 2010).

A autora questiona, por exemplo, o que seria a maior quantidade de material fonético e como isso seria mensurado, pois nas propostas de Naro; Lemle (1976) e Lemle; Naro (1977) não fica claro qual parâmetro foi responsável pelas distinções nos graus de saliência. Além disso, evidencia-se a necessidade de considerar a produção real dos falantes e de introduzir as contribuições de Guy (1981) nas escalas utilizadas em estudos atuais sobre a concordância verbal.

Em se tratando da Teoria da Variação e Mudança, Chaves (2014), com base em Guy (1981), afirma não reconhecer a variável como um princípio autêntico, pois

Apesar de existirem argumentos em prol do entendimento da saliência como um princípio geral, [...] observamos que uma restrição de ordem maior, o *acento*, parece fortalecer demasiadamente o peso atribuído à *Saliência fônica*, o que coloca em xeque também o *status* da variável como princípio. (CHAVES, 2014, p. 546).

Por último, a autora enfatiza o diálogo entre a saliência fônica e o problema da avaliação, questionando se o que se tem como saliente em uma comunidade o seria também em outra e se uma única escala seria aplicável a qualquer contexto, independentemente de estratos sociais, níveis de escolaridade e estilos de uso da língua – o que atenta para a importância de serem pensadas estratégias de controle da avaliação que fazem os falantes dos graus que compõem a escala.

Em uma investigação sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural no Português Europeu (PE), Barreto (2014) apontou a necessidade de construir uma escala de saliência fônica para a variedade em questão. A variável foi controlada na investigação, mas com aplicação dos níveis normalmente utilizados – que foram pensados a partir de dados do PB – e o princípio não demonstrou importância estatística. Por isso, ao final de sua análise, cujo foco era a regra morfossintática, a autora realizou uma descrição fonética das terminações verbais de parte das entrevistas exploradas, concentrando-se nos pares verbais de baixa diferenciação.

Foi constatado que, devido a especificidades já esperadas da pronúncia europeia, a escala utilizada para estudos do PB não se aplica integralmente ao PE e que, para adequá-la a esta variedade, se faz necessário como ponto de partida o estudo específico do fenômeno – a autora propõe, por exemplo, que o par *quer/querem*, assim

como as formas verbais infinitivas, receba a mesma classificação que *vive/vivem*, uma vez que na pronúncia portuguesa se observa a inserção de [ɪ] ao fim do vocábulo.

Além de ressaltar a importância da descrição fonética da desinência de P6 em uma variedade para que, em um estudo sobre a concordância verbal, seja possível o controle da saliência fônica, a autora destacou como também necessários: a) o prosseguimento do trabalho com auxílio de pesquisadores europeus (naturalmente mais familiarizados com a pronúncia) no que se refere à percepção; b) o uso da fonética acústica; e c) a atenção ao contexto fonético posterior.

Também se dedicando a outra variedade do Português, Barcelos (2016) apresentou, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, uma descrição da expressão fonética de P6 no Português de São Tomé. Em geral, embora a distribuição dos dados apresente especificidades, as variantes não-padrão² encontradas pela autora não foram diferentes das encontradas nas variedades europeia e brasileira.

Os dados investigados mostraram que, na variedade santomense, as realizações padrão são as mais recorrentes. Quando foram confrontadas com as não-padrão, sobressaíram as variáveis extralinguísticas nível de escolaridade, sexo e faixa etária e as linguísticas tema do verbo, tempo/modo verbal e contexto subsequente: são desfavorecedores da expressão padrão o nível de escolaridade mais baixo, o sexo masculino, a faixa etária mais velha, verbos com tema em -e/-i, o presente do indicativo e a vogal oral em posição posterior. Vale destacar que, em determinado momento da investigação, optou-se pela eliminação os dados de pretérito perfeito do indicativo, tempo verbal em que a marcação da concordância não se dá apenas pela desinência.

Dentre as importantes ações futuras para o aprofundamento do estudo, Barcelos (2016) aponta: a) a observação criteriosa dos contextos de sândi; b) a análise separada das formas verbais conjugadas no pretérito perfeito do indicativo; c) o controle da qualidade das vogais e do ponto e modo de articulação da consoante em contexto subsequente; e d) a verificação da influência do contato linguístico característico do local.

Sob o título “A expressão fonética de terceira pessoa do plural no Português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica”, Vieira; Brandão; Gomes (2015) apresentaram um estudo de caso da fala de dois

² A classificação das variantes em *padrão* ou *não-padrão* feita pela autora é a mesma que se adota neste trabalho: o primeiro termo é utilizado para a desinência de P6 em sua plena realização e o segundo para as realizações que, em relação ao padrão, parecem ter sofrido alterações fonéticas.

informantes cariocas (pertencentes à terceira faixa etária e de baixa e média escolaridade) do *corpus* Concordância – que já tinha sido investigado em totalidade quanto ao fenômeno da concordância verbal. O objetivo da experiência preliminar foi fazer uma primeira avaliação dessa abordagem diferenciada da marcação de plural e apontar diretrizes para um futuro tratamento mais aprofundado.

Nos dados explorados, as autoras não detectaram variação da expressão fônica da desinência de P6 em contexto tônico: predominou a realização canônica [ẽw̃], encontrada apenas diante de consoante não-nasal. No ambiente átono, mais propício à variação, a variante padrão mostrou-se restrita ao contexto anterior a consoantes. Em relação às realizações não-padrão, notou-se o predomínio das que contém o traço de nasalidade.

As autoras destacam que a descrição realizada, apesar de ter um caráter experimental, permitiu, além de demonstrar as efetivas realizações fonéticas das formas verbais, levantar reflexões sobre: a) o estatuto da concordância padrão ou não-padrão no PB: por perceberem a importância do contexto fonético subsequente à forma verbal, questionam “até que ponto os trabalhos sociolinguísticos conseguem computar os dados de concordância e não concordância, sobretudo em contextos de sândi?” (VIEIRA; BRANDÃO; GOMES; 2015, p. 140) e propõem a análise do fenômeno a partir de recursos da Fonética Acústica; e b) a qualidade dos níveis de saliência fônica: embora os dados analisados no trabalho a princípio não sejam incompatíveis com a escala normalmente utilizada, fica reconhecida a importância do estabelecimento dos níveis por variedade, uma vez que precisam ser representativos da realidade fônica que se detecta.

A investigação que ora se expõe, de que foram fundamentos os estudos acima descritos, entende-se como extensão da experiência feita por Vieira; Brandão; Gomes (2015), imprescindível para o levantamento de hipóteses e o tratamento aqui adotado. O projeto foi iniciado no ano de 2015 e teve duas fases de execução: no primeiro momento, analisou-se apenas a faixa etária A da região de Copacabana e, no segundo, foram contempladas as faixas A e C³.

Na primeira fase, em que se trabalhou com valores percentuais, já foi possível observar a influência das variáveis a) tonicidade da sílaba da desinência: em sílaba

³ Essas fases anteriores da pesquisa foram apresentadas na Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural nos anos de 2015 e 2016.

tônica, o fenômeno mostrou-se mais resistente à variação; b) nível de escolaridade do informante: quanto mais alto o nível de escolaridade, maior a preferência por realizações do tipo padrão; e c) contexto fonético subsequente: o contexto vogal oral foi favorecedor de realizações não-padrão, enquanto vogal e consoante nasal favoreceram a realização padrão. A relevância desta última variável permitiu confirmar a atuação do nível fonético em sua interface com o morfossintático no fenômeno da concordância verbal.

Na segunda fase do trabalho, em que se fez uma análise multivariada, foram confirmados os resultados anteriores e observada, também, a relevância das variáveis incidência de sândi e faixa etária: mostraram-se favorecedores de realizações padrão e com traço de nasalidade a ausência do sândi e a faixa etária referente aos falantes mais jovens – o que sugere que meios urbanos favorecem cada vez a marcação (padrão) do plural.

2.2. O aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista

A fim de mapear as expressões fônicas da desinência verbal de P6 na variedade urbana carioca, este trabalho fundamenta-se nos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, da qual foram pioneiros Weinreich; Labov; Herzog (1968).

À luz dessa teoria, a análise leva em consideração a íntima relação que há entre a língua e a sociedade de que ela faz parte e representa. Em outras palavras, assume-se que as mudanças de uma sociedade e seus padrões de comportamento – distribuídos no tempo e no espaço – se refletem na língua e, por isso, consideram-se aspectos sociais a fim de melhor compreender sua estrutura e funcionamento. Afirmam os autores:

Os linguistas naturalmente desconfiam de qualquer explicação de mudança que deixe de mostrar a influência do ambiente estrutural sobre o traço em questão: é razoável presumir que o aspecto está encaixado numa matriz linguística que muda com ele. (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 1968, p. 110)

Além disso, dados empíricos são a base da investigação: para o tratamento dos dados e as interpretações que se faz do fenômeno (conjugado a fatores sociais e linguísticos), parte-se da observação de dados efetivamente produzidos. Julga-se que essas escolhas metodológicas dão conta de tratar da língua enquanto espelho de uma pluralidade originada na esfera social.

Nessa mesma perspectiva, a língua é vista como um sistema variável de regras, e a variação, portanto, é muito antes um requisito do sistema linguístico do que instauradora do (aparente) caos – que, se existente, impediria a comunicação. Chama-se *heterogeneidade ordenada* a premissa de que variação e sistematicidade não são fatores excludentes entre si e entende-se que a variação, que não se dá ao acaso, confere dinamicidade ao sistema.

Outros termos de relevância característicos da Sociolinguística e bastante utilizados neste trabalho são *variedade*, *variável* e *variante*. A primeira diz respeito ao recorte que se faz, dentro de determinada língua, dos usos referentes a uma comunidade linguística definida por algum critério social, como, por exemplo, localidade, classe sócio-econômica e grupo étnico. De *variável* são chamados o fenômeno linguístico em foco (variável dependente, que recebe influência de fatores múltiplos) e os fatores que atuam em seu entorno (variáveis independentes, que exercem influência sobre fenômenos linguísticos), podendo ser de ordem linguística e extralinguística. As *variantes*, por último, são as opções de que dispõe o sistema dentro de um mesmo fenômeno, são as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1985, p. 8).

Em uma investigação nos moldes sociolinguísticos, o fenômeno deve ser analisado de modo a buscar meios de responder aos cinco problemas relacionados à explicação da variação e mudança linguística: a) o problema das restrições: deve-se se questionar que fatores efetivamente atuam para a determinação da mudança, apontando sua direção e a distinguindo de mudanças improváveis dentro do mesmo sistema; b) do encaixamento: busca-se entender como essa mudança se encaixa dentro do sistema linguístico e no tecido social; c) da avaliação: para investigar como os falantes avaliam a mudança e de que maneira isso influencia em seu percurso; d) da transição: pergunta-se de que forma e por meio de que caminhos a mudança se instala; e e) da implementação: averiguam-se os motivos de a mudança ocorrer em um determinado momento e lugar e não em outro tempo e espaço.

Este trabalho concentra-se nos dois primeiros questionamentos. Estuda-se a interação do objeto linguístico com fatores sociais e outros fenômenos internos ao sistema do português (restrições), uma vez que se trata de um fenômeno situado no nível fonético determinado por (e possivelmente determinante de) uma regra morfossintática – a concordância verbal. Para isso, foi utilizado como instrumento de análise o pacote de programas GoldVarb X, que indica os grupos de fatores relevantes para o fenômeno e a influência, em termos percentuais e/ou por peso relativo, de cada um dos fatores – é importante destacar, entretanto, que se trata apenas de uma ferramenta estatística que permite testar (e repensar) hipóteses que se fundamentam em teorias e na observação dos próprios dados.

3. METODOLOGIA

Descrevem-se, a seguir, o *corpus* de que foram extraídos os dados desta pesquisa e as etapas que a constituíram.

3.1. O *Corpus*

Esta pesquisa fez uso do *Corpus* Concordância, que consiste em entrevistas sociolinguísticas realizadas entre os anos 2008 e 2010 por membros do projeto “Estudo dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português”, ao qual está integrada esta investigação. Os diálogos, que têm em torno de 40 minutos e são guiados pelos documentadores de modo a estimular a produção oral, perpassam diversos assuntos – como pontos positivos e negativos do bairro em que reside o informante, política, memórias de infância, sonhos e pluralidade linguística.

Conforme sistematizado no Quadro 1, para esta análise foram exploradas 12 gravações de falantes residentes em cada uma das regiões controladas (Copacabana e Nova Iguaçu), totalizando 24 informantes. Estes são divididos por: a) sexo: homem e mulher; b) nível de escolaridade: nível 1 para os que estudaram até o Ensino Fundamental, 2 para os que têm Ensino Médio e 3 para os de Ensino Superior; e c) faixa etária: neste caso, a faixa A, que compreende falantes de 18 a 35 anos, e a faixa C, referente a falantes de 56 a 75 anos.

Quadro 1: *Corpus* analisado (faixas A e C das regiões de Copacabana e Nova Iguaçu).

Nível de escolaridade	Faixa A (18 a 35 anos)	Faixa C (56 a 75 anos)
Nível 1 (Ensino Fundamental)	A 1 H	C 1 H
	A 1 M	C 1 M
Nível 2 (Ensino Médio)	A 2 H	C 2 H
	A 2 M	C 2 M
Nível 3 (Ensino Superior)	A 3 H	C 3 H
	A 3 M	C 3 M

3.2. As etapas da pesquisa

O primeiro passo da coleta de dados consistiu em, a partir da transcrição grafemática das entrevistas, selecionar todos os fragmentos com verbos na terceira pessoa do plural ligados a um sujeito plural – o que significa que foram desconsiderados, por exemplo, casos de indeterminação do sujeito com referência não-expressa, pois, apesar de não parecer comprometer o que há de fonético no fenômeno (ou seja, a forma como é expressa a desinência verbal de P6), simbolizaria um rompimento com o seu caráter morfossintático, uma vez que não há a relação de concordância entre o verbo e um sujeito. Em seguida, foram transcritas foneticamente todas as formas verbais juntamente à palavra posterior (quando existente) e feita a separação dos dados de acordo com a tonicidade da sílaba da desinência (tônica ou átona) e a natureza do contexto subsequente (pausa, vogal ou consoante, oral ou nasal).

Após a codificação dos dados segundo as variáveis linguísticas e extralinguísticas (escolhidas com base nos trabalhos referidos na seção 2) foi realizada a quantificação com auxílio do pacote de programas GoldVarb X, seguida da interpretação dos valores percentuais e das rodadas multivariadas segundo as contraposições: 1) “padrão vs. não-padrão”, sendo da primeira categoria as realizações que, mais fortes, expressam plenamente a noção de plural, e da segunda as que sofreram alterações fonéticas; e, devido ao descarte de uma das variáveis que se esperava influente na rodada anterior, 2) “nasal vs. não-nasal” – o primeiro grupo para as realizações que apresentam o traço de nasalidade e o segundo para as que não apresentam.

4. AS VARIÁVEIS

Nesta seção, apresentam-se o fenômeno em que se foca esta investigação e as variáveis que, a partir dos estudos que a fundamentaram, foram consideradas como possíveis influências para que o falante opte por uma ou outra realização.

4.1. A variável dependente

A variável dependente desta investigação é a expressão fônica da desinência verbal de P6 na variedade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que pode se realizar das seguintes formas:

Quadro 2: Variantes que compõem a variável dependente: as realizações fônicas da desinência verbal de terceira pessoa do plural encontradas nas faixas A e C do *Corpus* Concordância

Realizações fônicas da desinência verbal de P6 do PB
[ẽw̃]
[ẽ]
[e]/[a]
[õw̃]
[õ]
[o]
[ũ]
[u]
[ẽj]
[ẽ]
[i]
[i]

Sendo o objetivo central do trabalho descrever, na variedade urbana carioca do PB, como a concordância verbal é expressa, optou-se por eliminar as formas verbais em que não há dúvidas sobre o cancelamento da regra de marcação de plural, tais como *é, cantou, fez e quis* – estruturas evidentemente distantes de suas respectivas plurais *são, cantaram, fizeram e quiseram*.

Também não foram consideradas como dados as ocorrências de *têm* e *vêm*, dada a homofonia com as correspondentes singulares.

Dentre todas as variantes, as escolhidas como variantes do tipo *padrão* são os ditongos [ẽw̃] e [ẽj]. Às demais, refere-se como *não-padrão*.

4.2. As variáveis independentes

As variáveis independentes que se consideram nesta pesquisa foram estabelecidas com base em pesquisas sociolinguísticas cujo objeto é a concordância verbal de terceira pessoa do plural, em investigações de fenômenos do nível fonético, nos estudos focalizados na saliência fônica e na observação dos dados levantados.

Nesta seção, são descritos os grupos de fatores – que se dividem em externos e internos à língua – e apresentados os objetivos que sustentaram a consideração desses condicionamentos, bem como as hipóteses levantadas para cada um.

4.2.1. Extralinguísticas

As quatro variáveis extralinguísticas controladas nesta análise foram *nível de escolaridade, sexo, faixa etária e localidade*. Esses grupos costumam ser de grande relevância em análises de cunho variacionista, sobretudo as que tratam de concordância, fenômeno morfossintático de forte influência no que se refere ao campo da avaliação e da estratificação social.

a. Localidade

A primeira variável extralinguística controlada nesta análise foi *localidade*, que conta com os fatores *Copacabana* e *Nova Iguaçu*.

As regiões consideradas possuem uma configuração social bastante diferente em muitos aspectos. A primeira, situada em uma área nobre e turística, é um dos bairros mais conhecidos e prestigiados do Brasil, procurada por pessoas que buscam melhoria na qualidade de vida – o que explica o fato de ser considerada o bairro com maior população idosa do país. Apesar de parte das entrevistas ter sido feita com residentes do chamado Morro Santa Marta (em geral com os informantes de baixa escolaridade), assume-se que o amplo acesso à cultura e a qualidade de ensino característicos da Zona

Sul do Rio de Janeiro sejam significativos, ainda que em diferentes proporções, a todos os informantes da região. A segunda localidade, por sua vez, é situada na Baixada Fluminense, área que recebeu, na metade do século XX, muitos imigrantes do Nordeste brasileiro e tem sua imagem ligada a grandes problemas sociais que contribuem com o crescimento da violência – como a escassez de serviços públicos e de infraestrutura urbana.

Ao controle da variável relacionam-se o objetivo de verificar a distribuição do fenômeno na pluralidade da região metropolitana do Rio de Janeiro e a hipótese de que a região de Copacabana forneça mais dados do tipo *padrão* do que a de Nova Iguaçu.

b. Faixa etária

A variável *faixa etária* abarca, nesta investigação, as faixas A e C – como descrito em seção anterior e aqui se reitera: na primeira, estão os falantes mais jovens do *corpus*, entre os 18 e os 35 anos; na segunda, estão os mais velhos, de idade entre 56 e 75.

Essa variável permite observar o fenômeno em função do que teria ocorrido em uma perspectiva diacrônica (em tempo aparente) e sugerir se se está diante de uma mudança em progresso ou de uma variação estável. A discrepância entre os resultados de ambas as faixas, porém, pode tanto ser indicadora de mudança linguística quanto de uma tendência relacionada às faixas etárias (gradação etária) – que significa uma mudança não no sistema, mas no comportamento linguístico dos próprios falantes ao longo de suas vidas.

Por ora, como está sendo realizado o controle de somente duas faixas etárias, a dos mais jovens e a dos mais velhos, pretende-se apenas observar o comportamento dos falantes mais jovens e mais velhos do *corpus*. Tem-se por hipótese que a *faixa C* forneça mais realizações *padrão* e a *faixa A* – mais afeita a inovações – demonstre preferência pelas realizações *não-padrão*.

c. Nível de escolaridade

A terceira variável, *nível de escolaridade*, foi dividida de acordo com os níveis da educação formal: encaixam-se no *nível 1* os falantes que estudaram até o Ensino Fundamental, no *nível 2* os que concluíram o *Ensino Médio* e no *nível 3* os que tiveram acesso ao Ensino Superior.

Essa variável se mostra bastante influente em estudos sobre a concordância verbal, pois o cancelamento da regra em meios urbanos é, ao que tudo indica, carregado de estigma, o que demanda uma atenção especial dedicada ao fenômeno nas escolas. O objetivo de controlar o grau de instrução do informante é observar se essa influência da escolarização se reflete também na expressão fônica da marcação do plural. Espera-se que falantes mais escolarizados forneçam mais dados do tipo *padrão* que os falantes com menos escolaridade.

d. Sexo

Por último, no que diz respeito a condicionamentos externos ao sistema linguístico, controla-se se o falante é *homem* ou *mulher*.

A consideração dessa variável se justifica pelo fato de que, nos comportamentos linguísticos dos homens e das mulheres, se reproduzem os papéis socialmente atribuídos e as posturas esperadas de cada um. Espera-se que as mulheres – que, segundo Labov (1972), são conservadoras quando a variante nova é carregada de desprestígio e inovadoras se a mudança é bem avaliada – demonstrem maior consciência do *status* social das formas linguísticas.

Objetiva-se observar de que modo homens e mulheres se comportam na escolha das expressões fônicas – o que, de certo modo, pode indicar que avaliação fazem das variantes. Espera-se tendência a realizações *padrão* nas entrevistas das mulheres e a *não-padrão* na fala dos homens.

4.2.2. Linguísticas

As variáveis linguísticas determinadas para esta investigação são *tempo/modo verbal*, *forma do verbo*, *tonicidade da sílaba*, *tema do verbo*, *contexto subsequente* e *incidência de sândi*. Consideram-se, além dos fatores que compõem a saliência fônica (segundo os autores precursores), variáveis que se entendem importantes para um estudo que envolve final de palavra e traço de nasalidade.

a. Tempo/modo verbal

A variável *tempo/modo verbal* abrange *presente*, *pretérito perfeito*, *pretérito imperfeito*, *futuro* e *futuro do pretérito do indicativo*; *presente*, *pretérito imperfeito* e

futuro do subjuntivo, além da estrutura *infinitiva*. Ressalta-se que foram apenas esses os tempos e modos elencados porque não houve ocorrências de outros no material analisado.

Uma vez que o tempo/modo verbal é um dos fatores considerados para a definição da saliência fônica, é de se esperar que esse grupo de fatores influencie a forma como o falante expressa a concordância verbal.

Através do controle dessa variável, pretende-se observar se há tempos/modos verbais favorecedores de realizações mais fracas. Tem-se por hipótese que favoreçam tais realizações os tempos/modos verbais em que a distinção entre as formas de P3 e P6 não esteja centrada na desinência. Um exemplo desse caso é o pretérito perfeito, que – diferente do presente do indicativo, em que a marca de plural fica a cargo apenas da terminação – também pode se caracterizar, por exemplo, pela supressão da semivogal da forma singular e o acréscimo de segmentos.

Presente do indicativo: (P3) com[ɪ] → com[ẽj] (P6)

Pretérito perfeito do indicativo: (P3) come[w] → come[-]r[ẽw] (P6)

b. Forma do verbo

A variável *forma do verbo* foi dividida, inicialmente, em *regular* e *irregular*.

Como o princípio da saliência fônica determina uma relação entre a marcação explícita da concordância verbal e o nível de diferenciação entre as formas singular e plural, entende-se que os verbos regulares, como *canta/cantam*, sejam menos propícios à marca do que os irregulares, como *é/são*. Através desse possível condicionamento, busca-se perceber se a alta saliência condiciona, mais do que a marcação ou a não-marcação da pluralidade – o que já foi atestado em pesquisas anteriores sobre a concordância verbal –, a forma como a concordância se manifesta.

No entanto, a partir da observação dos dados, reconheceu-se que havia um problema entre o tratamento dado a esse grupo de fatores e a noção da saliência fônica: a forma verbal *sabem*, por exemplo, seria categorizada como irregular porque em seu paradigma estão *soube*, *saiba* etc., mas a relação que estabelece com a singular *sabe* é a mesma que há entre *come/comem*, verbo regular. Sendo assim, concluiu-se que pôr em foco o que ocorre no par opositivo, ainda que sem desconsiderar todo o paradigma do verbo, parece mais coerente com o princípio que motivou este trabalho. A variável,

portanto, passou a ser constituída por três fatores: *verbos regulares* (*canta/cantam*), *verbos irregulares apenas no paradigma* (*sabe/sabem*, *morria/morriam*) e *verbos irregulares no par opositivo* (*é/são*, *fez/fizeram*). Espera-se que as duas primeiras categorias tenham comportamento semelhante e favoreçam realizações *não-padrão*.

c. Tonicidade da sílaba

A sílaba em que se encontra a desinência pode ser *átona* (*eram*, *estavam*, *conseguem*) ou *tônica* (*são*, *estão*, *conseguirão*).

O controle dessa variável se justifica pelo fato de a tonicidade ser um dos fatores importantes para a definição da saliência fônica. De acordo com Naro (1981), “posições acentuadas são mais salientes do que posições não-acentuadas” (NARO, 1981, p. 78). Assim, objetiva-se observar o nível de restrição que a tonicidade exerce sobre a variação da expressão da desinência, tendo por hipótese que o contexto átono seja o *locus* preferencial da variação.

d. Tema do verbo

Essa quarta variável conta com os fatores distribuídos pelos temas em /a/, /e/ e /i/.

Através do controle da conjugação do verbo, tenta-se observar se alguma vogal temática favorece possíveis processos fonéticos e se há um padrão de comportamento entre os verbos de mesmo tema.

Considerando os objetivos gerais do projeto, que compreendem a comparação entre variedades do Português, fica mais evidente a relevância da variável porque, a depender das variedades que se investigam, realizações diferentes podem ser esperadas em cada conjugação. A expressão [ẽ], por exemplo, não é esperada na variedade brasileira em verbos de primeira conjugação no presente do indicativo (*amam*, *caminham*), ao passo que, em certas variedades do PE, se trata de uma variante possível. Sobre a variedade de Funchal, capital da Ilha da Madeira, afirma Barreto (2014):

Percebeu-se a utilização da variante [ẽ], na amostra de Funchal, para verbos com VT /a/, que possuem como terminação canônica de 3ª pessoa do plural a forma [ẽw̃]. Esse fato – que também foi registrado por Vieira & Bazenga (2013) – se concretizou em 11 ocorrências da amostra insular (BARRETO, 2014, p. 106).

Dentre as 11 ocorrências encontradas pela autora, está, por exemplo,“(121) *aqueles carres que **andem** [andam] de noite (FNC CIH)*”.

Vale ressaltar que se acredita mais tênue a distinção entre as formas singular e plural em verbos de segunda e da terceira conjugações (em alguns casos, espera-se apenas a nasalização), como *corre/correm*, do que em verbos de primeira conjugação, como *abraça/abraçam*.

e. Contexto subsequente

O contexto fonético subsequente à forma verbal pode ser: *vogal oral (V[-N])*, *vogal nasal (V[+N])*, *consoante oral (C[-N])*, *consoante nasal (C[+N])* ou *pausa* (de que são exemplos, respectivamente, “*Eles viraram amigos*”, “*Meus sobrinhos vieram ontem*”, “*As escolas precisam de verba*”, “*As crianças estão na escola*” e “*Todo dia eles assaltam...*”, quando não se observa nenhum elemento fônico imediatamente após o verbo).

É importante o controle dessa variável porque fenômenos linguísticos situados no nível fonético costumam receber influência do elemento posterior. Pretende-se, então, observar quais são contextos fonéticos subsequentes favoráveis a cada variante. Tem-se por hipótese que consoantes nasais favoreçam as realizações *padrão*, e vogais, justamente pela possibilidade de ocorrência de sândi, favoreçam as *não-padrão*.

f. Incidência de sândi

Por último, controla-se se *há* ou *não há* ocorrência de sândi, como em “*Os professores precis[ẽ](an)teciar o calendário de provas*” e “*Meus pais não quiser[ẽw] os chocolates que eu trouxe*”.

O objeto de estudo desta investigação, por ser a expressão fônica de uma terminação verbal, está suscetível ao sândi, principalmente em contextos átonos. É através do controle dessa variável, juntamente à referente ao *contexto subsequente*, que será possível observar a influência do nível fonético sobre o morfossintático.

Espera-se que a incidência de sândi motive alterações fonéticas em relação ao padrão e, por isso, seja favorável às variantes *não-padrão*.

5. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, são expostos os resultados obtidos por meio das rodadas executadas no GoldVarb X: na primeira, conforme o que se demonstra em 5.1., foi possível observar cada uma das realizações e analisar o fenômeno a partir de uma perspectiva abrangente; na segunda, detalhada em 5.2., as variantes foram agrupadas em *padrão* e *não-padrão*; e, na terceira (5.3.), em *nasal* e *não-nasal*. Em 5.4., sintetizam-se os resultados e apresentam-se reflexões iniciais a partir de sua interpretação conjugada ao debate sobre a interface fonética-morfossintaxe no fenômeno da concordância verbal (conforme descrito em 2.1.).

Para contemplar, inicialmente, a distribuição de todas as realizações verificadas, foram separados os dados considerando tanto a variável independente *tonicidade da sílaba* (formas verbais com desinências em sílabas tônicas *versus* formas verbais com desinências em sílabas átonas) quanto o *tema* em questão (dados de primeira conjugação foram separados dos de segunda e terceira). Para a rodada multivariada provida pelo Goldvarb-X (rodada binária, opondo uma variante às demais), confrontaram-se, primeiramente, as variantes em *padrão* vs. *não-padrão*, rodada em que foram considerados relevantes os grupos de fatores *faixa etária*, *incidência de sândi*, *localidade* e *nível de escolaridade*. Por último, na análise de contraposição *nasal* vs. *não nasal*, foram selecionados *nível de escolaridade*, *faixa etária*, *contexto subsequente* e *incidência de sândi*.⁴

Destaca-se, por fim, que, nessas rodadas, foram consideradas as 9 variantes mais recorrentes no *corpus*, que, juntamente às pouco produtivas, ofereceu um total de 2072 ocorrências. As expressões [õ], [o], [ẽ] e [e] foram excluídas da análise, não só pelo limite de variantes que pode ser admitido pelo Goldvarb X, mas também pelo comportamento esporádico e, na quase totalidade dos casos, associado a contextos de sândi como em (3) e (4), de forma que não se pode assegurar se são realmente expressões fônicas da desinência de P6 ou se houve uma queda da(s) vogal(is) da

⁴ Ressalta-se que os grupos de fatores que aqui se consideraram foram sistematicamente selecionados e que, além desses, também foram apontados como relevantes, na análise da primeira contraposição, *tempo/modo verbal* e *forma do verbo* e, na segunda, *localidade*, *forma do verbo*, *tempo/modo verbal* e *sexo*. Essas variáveis não são exploradas neste trabalho devido à instabilidade dessa seleção e, para que se tenham afirmações mais seguras, à necessidade de um estudo mais refinado do comportamento do fenômeno de acordo com esses condicionamentos.

desinência e, em casos de restar uma consoante (flutuante), uma ressilabação com a vogal da palavra posterior.

(3) eles **tiver**[o]portunidade (COP C 1 H)

(4) umas senhoras faziam a renda que **vendi**[e]ssa renda... (NIG A 3 M)

5.1. Distribuição geral de dados

Na Tabela 1, expõe-se a quantidade de dados obtidos de cada uma das variantes. Excetuando-se as expressões [õ], [o], [ê] e [e], chegou-se ao total de 1845 dados, 883 relativos a verbos de primeira conjugação e 962 a de segunda e terceira conjugações.

Tabela 1 – Distribuição geral dos dados: a expressão fônica da desinência verbal de P6 em todas as conjugações

Variante	1 ^a conjugação	2 ^a e 3 ^a conjugações	Total
[ẽw̃]	307/883 (34,76%)	384/962 (39,91%)	691/1845 (37,45%)
[ê]	25/883 (2,83%)	30/962 (3,11%)	55/1845 (2,98%)
[ɛ]/[a]	204/883 (23,10%)	52/962 (5,40%)	256/1845 (13,87%)
[õw̃]	62/883 (7,02%)	78/962 (8,10%)	140/1845 (7,58%)
[ũ]	133/883 (15,06%)	85/962 (8,83%)	218/1845 (11,81%)
[o]	83/883 (9,39%)	44/962 (4,57%)	127/1845 (6,83%)
[ẽj]	25/883 (2,83%)	120/962 (12,47%)	145/1845 (7,85%)
[ĩ]	24/883 (2,71%)	60/962 (6,23%)	84/1845 (4,55%)
[i]	20/883 (2,26%)	109/962 (11,33%)	129/1845 (6,99%)

Observou-se maior expressividade da variante padrão [ẽw̃], que correspondeu a 37,45% do total e foi registrada em números muito próximos em ambas as categorias de conjugação: em termos percentuais, dos 691 casos da variante, 44,42% foram

retirados de verbos cuja vogal temática é /a/ (*falam*) e 55,57% de verbos de tema em /e/ e /i/ (*correram, conseguiram*).

Também se destacaram os valores percentuais das realizações [ɐ]/[a] e [ũ], respectivamente 13,87% e 11,81% – ambas em maior número em verbos de primeira conjugação. As expressões [ẽj] e [i], apesar de apresentarem baixos números percentuais no resultado geral, foram bastante recorrentes em formas verbais das demais conjugações (*correm, conseguem*), correspondendo a 12,47% e 11,33%.

Nas tabelas que seguem, dividem-se os dados por tema, para uma visualização mais clara da distribuição, e tonicidade – condicionamento de relevância notável já nesta primeira abordagem.

Os resultados expostos na Tabela 2 equivalem aos dados em verbos de tema em –a. De um total de 883 ocorrências, 709 são de realizações em sílaba átona e 174 em sílaba tônica.

Tabela 2 – Distribuição por tonicidade das expressões fônicas da desinência verbal de P6 em verbos de 1ª conjugação

Variante	Átona	Tônica
[ẽw̃]	199/709 (28,1%)	108/174 (62,1%)
[ẽ]	18/709 (2,5%)	7/174 (4%)
[ɐ]/[a]	164/709 (23,1%)	40/174 (23%)
[õw̃]	47/709 (6,6%)	15/174 (8,6%)
[õ]	129/709 (18,2%)	4/174 (2,3%)
[o]	83/709 (11,7%)	-
[ẽj]	25/709 (3,5%)	-
[ĩ]	24/709 (3,4%)	-
[i]	20/709 (2,8%)	-

Em sílabas átonas de verbos de primeira conjugação (*estavam, andaram*), a realização padrão [ẽw̃] foi a mais encontrada, com o percentual de 28,1%; seguida de [ɐ], a mais próxima da estrutura singular – e que provavelmente corresponderia ao

cancelamento da marca em estudos clássicos de concordância verbal –, com 23,1%; e de [ũ], com 18,2%.

As ocorrências da realização padrão [ẽ] e suas não-padrão respectivas ([ĩ] e [ɪ]) em verbos de primeira conjugação correspondem aos modos verbais subjuntivo (tempos presente, pretérito imperfeito e futuro) e infinitivo (*encontrem, encontrarem*). Nesses casos, quase não houve variação: dos 69/709 dados, 25 foram da padrão [ẽ], 24 da não-padrão [ĩ] e 20 da também não-padrão [ɪ] – esta última, assim como [ɐ], em geral atribuída à estrutura singular.

Nos dados em sílabas tônicas, predominou, com 62,1%, a realização padrão [ẽw̃]. O percentual mais próximo, de apenas 23%, foi da variante [a]. A maioria das ocorrências estava nas formas verbais *estão* e *dão* e não foram consideradas como cancelamento da marca quando realizadas como [a] por conta da sutil diferença atribuída exclusivamente à nasalidade. No fluxo da fala – principalmente em se tratando de entrevistas sociolinguísticas, gravadas em lugares como farmácia, residência do informante, escola, etc., que contam com intervenções de outras pessoas e sons que são naturais a esses ambientes –, a diferença entre a presença ou ausência do traço não é tão evidente quanto parece. Além disso, a forma verbal *estão* é frequentemente produzida como *tão*, o que faz a maioria desses dados ser composta de monossílabos e, assim, de precisão ainda mais difícil.

Os trechos abaixo ilustram as variantes mais encontradas em verbos de primeira conjugação. De (5) a (7), exemplificam-se as realizações em sílabas átonas e, em (8) e (9), as expressões em contextos tônicos.

(5) aí eles **convers**[ẽw̃] demais (NIG A 2 M)

(6) alguns **acab**[ɐ] sendo um pouquinho egoístas (NIG A 3 M)

(7) eles não **deix**[ũ]desmatar o cedro (COP C 3 H)

(8) elas **t**[ẽw̃] passando um pouco disso também... (COP A 1 H)

(9) eles não **d**[a] valor (COP A 1 M)

Os exemplos abaixo correspondem a verbos de primeira conjugação cuja desinência verbal de P6 tem como expressão fônica padrão o ditongo [ẽĩ].

(10) pais que te **ensin[ẽĩ]** lições de vida (COP A 2 H)

(11) quando eles **tiver[ĩ]** com uma idade maior:... (NIG A 2 M)

(12) as pessoas pra **pegar[ɪ]** é muito difícil (NIG A 2 M)

A Tabela 3 permite visualizar a distribuição dos 962 dados em verbos de temas em *-e* e *-i*, 631 em sílabas átonas e 331 em sílabas tônicas.

Tabela 3 – Distribuição por tonicidade das expressões fônicas da desinência verbal de P6 em verbos de 2ª e 3ª conjugações

Variante	Átona	Tônica
[ẽw̃]	124/631 (19,7%)	260/331 (78,5%)
[ẽ]	12/631 (1,9%)	18/331 (5,4%)
[ɐ]/[a]	52/631 (8,2%)	-
[õw̃]	34/631 (5,4%)	44/331 (13,3%)
[õ]	76/631 (12%)	9/331 (2,7%)
[o]	44/631 (7%)	-
[ẽj]	120/631 (19%)	-
[ĩ]	60/631 (9,5%)	-
[ɪ]	109/631 (17,3%)	-

Nos dados átonos de segunda e terceira conjugações (*comem*, *escolham*), as realizações padrão, [ẽw̃] e [ẽj], obtiveram os números mais expressivos, além de muito próximos: respectivamente, 19,7% e 19%. Em seguida, estão as suas reduções [ɪ], com 17,3%, e [õ], com 12%.

Nos dados em sílabas tônicas, a disparidade que foi observada na primeira conjugação se repetiu: a variante mais recorrente foi a padrão [ẽw̃], com 78,5%, e a

segunda mais encontrada foi [õw̃], com apenas 13,3%. Todas essas variantes foram coletadas em ocorrências das formas verbais *são* e *vão* – como já sublinhado em seção anterior, as formas *têm* e *vêm*, apesar de bastante frequentes no *corpus*, foram desconsideradas por serem foneticamente percebidas como idênticas às suas estruturas singulares correspondentes.

Observem-se os exemplos de (13) a (18), das realizações mais recorrentes em verbos de segunda e terceira conjugações. De (13) a (16) estão representadas as desinências em sílabas átonas e, em (17) e (18), as desinências em sílabas tônicas.

(13) não **conseguir[ẽw̃]** assaltar (COP A 2 M)

(14) aquelas brincadeiras que as crianças **fazi[õ]** (NIG A 2 H)

(15) as pessoas se **sent[ẽj]** acuadas (NIG C 3 M)

(16) tem pessoas ali que **sab[ɪ]** atender muito bem (NIG C 1 M)

(17) realmente elas **v[ẽw̃]** pensar... (COP A 1 H)

(18) os caras **s[õw̃]** horríveis... (NIG A 2 H)

Atestado que a expressão fônica da desinência se mostra resistente à variação quando em sílaba tônica, optou-se pela concentração na variabilidade encontrada em sílabas átonas. As rodadas que seguem, portanto, levam em conta apenas os dados coletados neste último contexto.

5.2. Primeira rodada multivariada: *padrão* vs. *não-padrão*

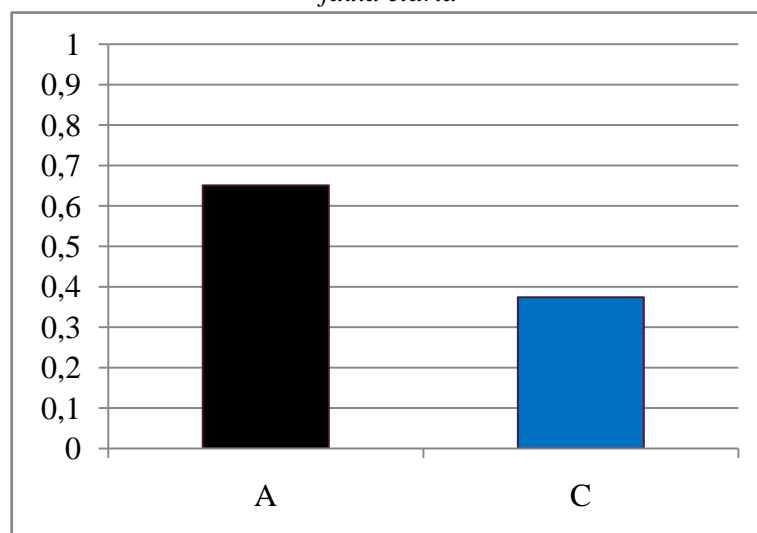
Das quatro primeiras variáveis selecionadas na rodada em que foram contrapostas variantes *padrão* vs. variantes *não-padrão* (em ordem de seleção, *faixa etária*, *incidência de sândi*, *localidade* e *nível de escolaridade*), apenas uma é de natureza linguística. Isso mostra que o fenômeno – apesar de ser ainda pouco descrito empiricamente e, supõe-se, não estar sob o controle consciente dos falantes – se organiza sistematicamente na estrutura social.

Tomando como valor de aplicação o tipo *padrão*, obtiveram-se, nesta rodada, input de .28 e significância de .00.

a. Faixa etária

A variável independente que se mostrou mais influente sobre o fenômeno na primeira rodada multivariada foi *faixa etária*. A seguir, o Gráfico 1 expõe os resultados referentes a esse grupo de fatores.

Gráfico 1 – Aplicação da variante *padrão* em função da variável *faixa etária*

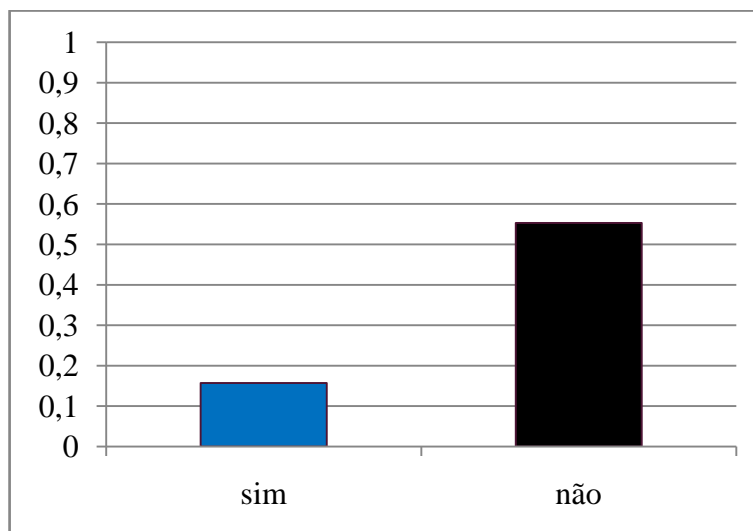


Conforme observado no gráfico, que ilustra a diferença que se esperava contrária, os falantes mais jovens produziram variantes *padrão* ([ẽw̃] e [ẽj]) em maior número que os falantes mais velhos. Com peso relativo de .65, a faixa A (18 a 35 anos) favoreceu as realizações padrão, ao passo que a faixa C (56 a 75 anos), com peso relativo de .37, as desfavoreceu.

b. Incidência de sândi

A segunda variável selecionada, primeira de natureza linguística, forneceu os resultados representados pelo Gráfico 2:

Gráfico 2 – Aplicação da variante *padrão* em função da variável *incidência de sândi*



Verificou-se que o comportamento do fenômeno foi conforme o hipotetizado: variantes *padrão* tendem a não coincidir com o sândi.

A presença de sândi mostrou-se bastante desfavorecedora da realização padrão (peso relativo de .15) e sua não ocorrência, com peso relativo pouco expressivo (.55), faz aumentar a tendência à realização padrão.

Em (19) e (20), exemplificam-se variantes *padrão* sem a incidência de sândi e, em (21) e (22), realizações *não-padrão* que se fundiram ao elemento fônico posterior, como ocorre em situações de sândi.

(19) uma visita a jovens que **estej[ẽw̃]** internadas (COP C 1 M)

(20) as pessoas **pod[ẽj]** ir andando (NIG A 3 M)

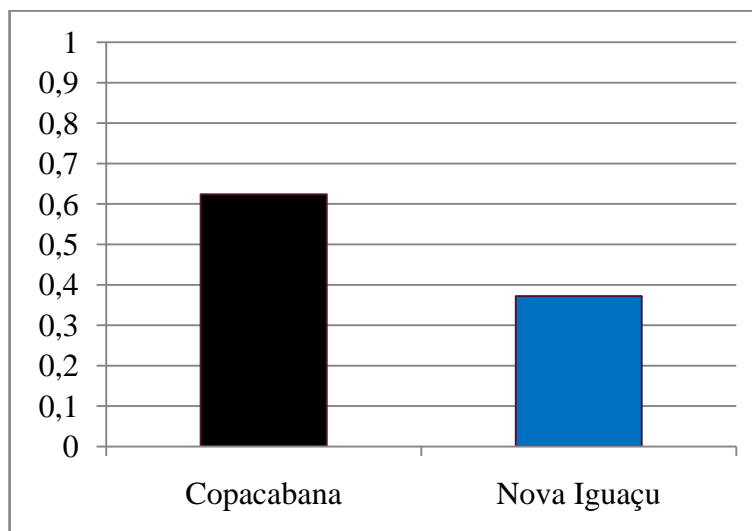
(21) os filho dele têm/ **pux[ũ]**(um) pouco aquele sotaque (NIG A 1 H)

(22) se as pessoas se **mantiver[ja]**(a)comodadas (COP A 2 H)

c. Localidade

Apresentam-se, no Gráfico 3, os resultados referentes ao grupo de fatores *localidade*.

Gráfico 3 – Aplicação da variante *padrão* em função da variável *localidade*



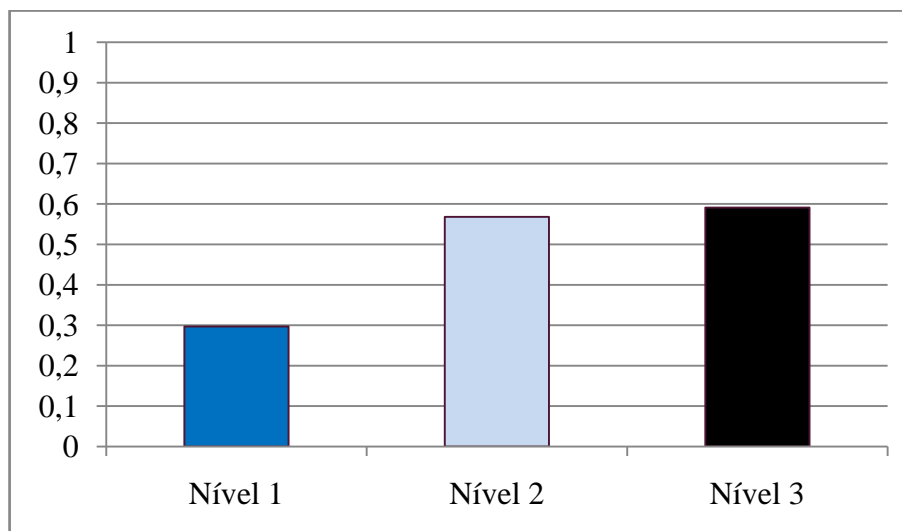
Verificou-se, novamente, a confirmação da hipótese levantada: os dados provenientes da Zona Sul do Rio de Janeiro foram do tipo mais *padrão* que os coletados nas entrevistas da Baixada Fluminense.

Com peso relativo de .64, Copacabana mostrou-se favorecedora das expressões do tipo *padrão* e Nova Iguaçu, com índice de .37, desfavorecedora.

d. Nível de Escolaridade

Observem-se, a seguir, os resultados correspondentes à quarta variável selecionada na rodada *padrão vs. não-padrão*.

Gráfico 4 – Aplicação da variante *padrão* em função da variável *nível de escolaridade*



Como possível observar no Gráfico 4, em *nível de escolaridade* o fenômeno distribuiu-se de maneira escalar: quanto maior o nível de instrução formal, maior a preferência por expressões *padrão*.

O *nível de escolaridade 1*, que obteve peso relativo de .29, mostrou-se desfavorecedor de realizações *padrão*. Os níveis 2 e 3, por outro lado, tiveram índices favorecedores e bastante próximos: respectivamente, .56 e .59.

5.3. Segunda rodada multivariada: *nasal vs. não-nasal*

A organização e o tratamento dos dados segundo os tipos *padrão* e *não-padrão* ocorreu desde o início desta investigação. A separação das variantes conforme a presença ou ausência da nasalidade, no entanto, partiu da surpresa causada pelo descarte da variável *contexto subsequente* na primeira rodada multivariada. Viu-se, então, a necessidade de repensar a hipótese levantada para esse grupo de fatores (relembre-se: que o contexto *consoante nasal* favorecesse as realizações *padrão* e *vogal* favorecesse as *não-padrão*).

Percebeu-se que, em um primeiro momento, se relacionou a nasalidade às realizações *padrão* – de fato, trata-se de uma característica importante dessas variantes, mas que também está presente nas outras alternativas dispostas aos falantes no sistema linguístico. Assim, pareceu mais coerente com a variabilidade do fenômeno – mais alta do que se esperava – que o controle da variável fosse harmonizado com a presença ou a ausência do traço. O passo seguinte foi refazer a hipótese: espera-se, agora, que

variantes que contenham o traço nasal sejam favorecidas por contextos subsequentes nasais. No que diz respeito às demais variáveis independentes, espera-se que as variantes com traço nasal tenham comportamento semelhante aos das variantes do tipo padrão.

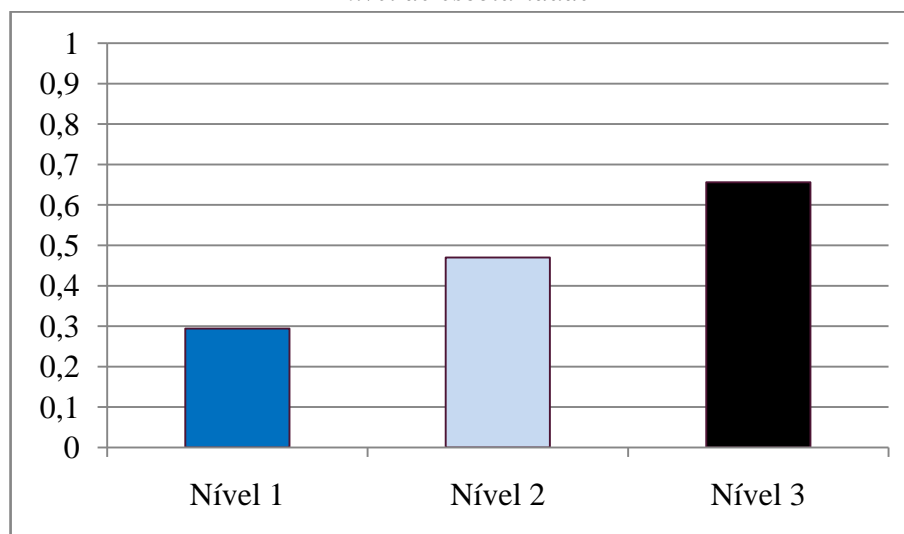
Desta vez, depois de *nível de escolaridade* e *faixa etária* e antes de *incidência de sândi*, a variável *contexto subsequente* foi uma das quatro primeiras selecionadas.

O input e a significância obtidos nesta rodada, de que a variante *nasal* foi o valor de aplicação, foram de .68 e .01.

a. Nível de escolaridade

O condicionamento selecionado em primeiro lugar foi, novamente, de natureza extralinguística. Representam-se, no Gráfico 5, os resultados referentes à variável *nível de escolaridade*.

Gráfico 5 – Aplicação da variante *nasal* em função da variável *nível de escolaridade*



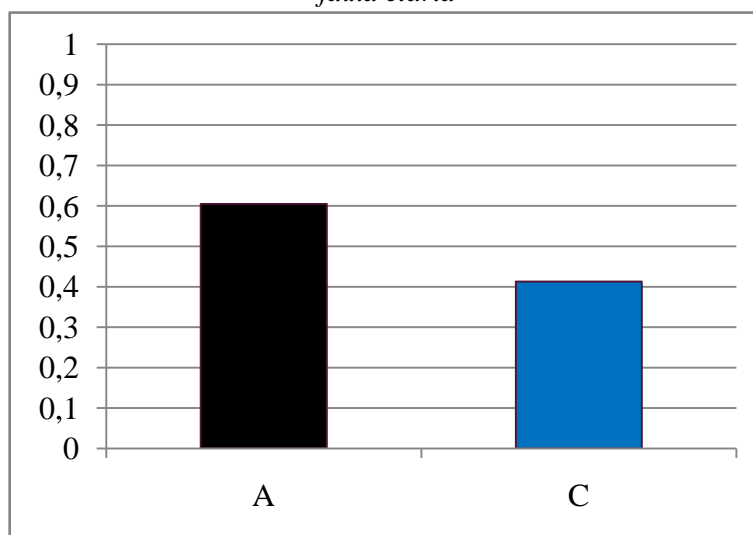
Conforme esperado, as realizações com traço nasal distribuem-se de modo similar às do tipo padrão: o *nível 1 de escolaridade* desfavoreceu as variantes nasais (P.R. .29) e o *nível 3* favoreceu-as (P. R. .65), enquanto o *nível 2* ficou em posição intermediária.

De todo modo, como ilustrado pelo gráfico, os resultados ainda se distribuem de maneira escalar: quanto mais alto o nível de escolaridade do informante, maior a preferência por realizações que contenham o traço de nasalidade.

b. Faixa etária

A faixa etária do informante mostrou-se, mais uma vez, influente nesta investigação. O gráfico abaixo ilustra os resultados obtidos nessa variável.

Gráfico 6 – Aplicação da variante *nasal* em função da variável *faixa etária*



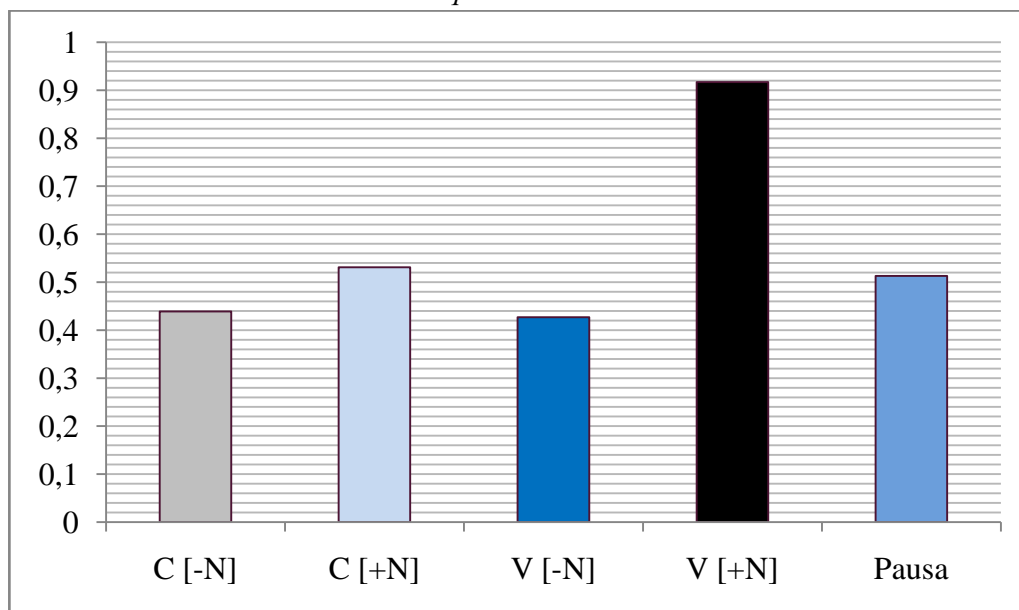
Mais uma vez, esse condicionamento foi de encontro ao que se tinha como expectativa: os falantes mais jovens forneceram mais dados nasais do que os falantes mais velhos.

A *faixa A*, favorecedora das realizações que contêm o traço de nasalidade, apresentou peso relativo de .60 e a *faixa C*, desfavorecedora, apresentou peso relativo de .41. O Gráfico 6 permite visualizar a disparidade que, embora menor que a da rodada anterior, existe entre os fatores.

c. Contexto subsequente

Conforme anunciado na introdução a esta seção, a variável *contexto subsequente*, que foi descartada na contraposição *padrão vs. não-padrão*, foi selecionada em terceiro lugar nesta rodada. O Gráfico 7 permite visualizar esse resultado.

Gráfico 7 – Aplicação da variante *nasal* em função da variável *contexto subseqüente*



Observou-se que o contexto pausa e os com marca de nasalidade, principalmente o vocálico, favoreceram as realizações nasais.

Os contextos fonéticos orais, tanto consonantais quanto vocálicos, apresentaram peso relativo de, respectivamente, .43 e .42. O contexto *consoante nasal*, com peso relativo de .53, e o contexto *vogal nasal*, com .91, mostraram-se favorecedores de variantes com traço de nasalidade. O índice obtido de expressão fônica nasal diante de *pausa*, um ambiente entendido como neutro, foi de .51.

Esses contextos estão representados nos exemplos abaixo, na ordem em que aparecem no gráfico: em (23), uma ocorrência diante de consoante oral; em (24) uma diante de consoante nasal; em (25), uma realização antes de uma vogal oral; em (26), um caso que antecede uma vogal nasal; e, em (27), uma realização seguida de pausa (representada graficamente pelas reticências)

(23) e pessoas assim... que não **sab**[i] ler e escrever (NIG A 1 M)

(24) até lá as coisas **mud**[ẽ] né (NIG A 2 M)

(25) amigos que desde pequenos que **acompanhar**[u] eles (COP C 3 M)

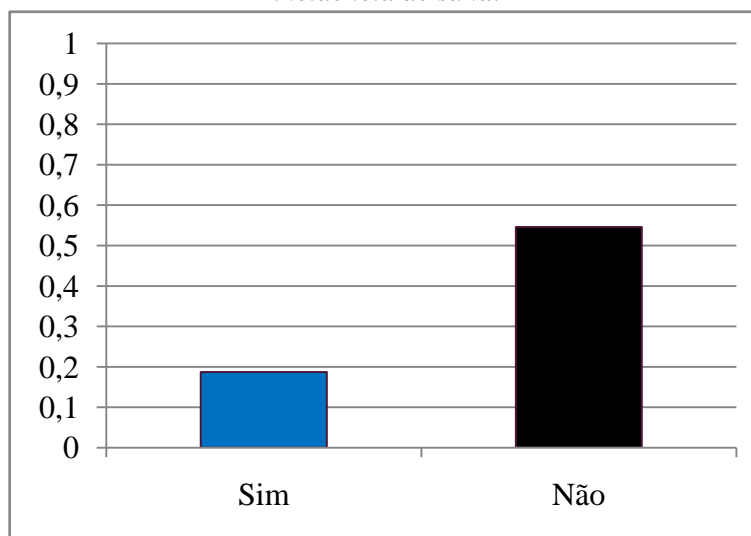
(26) pra pegar dinheiro e eles **ir**[ĩ](em)bora... (NIG A 3 M)

(27) e eles se **enquadr**[ẽw]... todos direitinho... (COP C 3 H)

d. Incidência de sândi

A quarta variável selecionada na rodada *nasal* vs. *não-nasal*, e última aqui analisada, foi *incidência de sândi*. O gráfico a seguir representa os resultados correspondentes ao condicionamento.

Gráfico 8 – Aplicação da variante *nasal* em função da variável *incidência de sândi*



Assim como observado na rodada anterior, embora com pesos relativos mais próximos, a *incidência de sândi* desfavorece a variante tomada como valor de aplicação. Quando o processo não ocorre, o traço de nasalidade é favorecido. Os pesos relativos foram de, respectivamente, .18 e .54.

Em (28), exemplifica-se uma variante nasal em caso de não ocorrência de sândi e, em (29), uma variante não-nasal em caso de detecção do processo.

(28) eles **fech[õw̃]** até a porta (COP C 1 M)

(29) o país deles se **separar[a]**(a)gora há pouco tempo... (NIG A 1 H)

5.4. Síntese e apreciação crítica dos resultados

Na variedade brasileira do Português, mais especificamente a da região metropolitana do Rio de Janeiro, a realização fônica da desinência verbal de terceira pessoa do plural se mostrou uma regra altamente variável: foram encontradas, no *corpus*

investigado, 13 expressões fonéticas do morfema. Desse total, fez-se um recorte das 9 mais recorrentes, nas quais se concentrou a análise.

Primeiramente, a partir da observação dos dados e dos resultados aqui expostos, é preciso reconhecer a necessidade de revisão dos casos de elisão, pois, como exemplificado em (30), ainda existem ocorrências em que se deve contestar a realização da desinência frente à possibilidade de apagamento total desse material fônico seguido de ressilabação com a vogal da palavra posterior.

(30) tenho vários que **mor[in](em)** Copacabana (COP A 1 H)

Seria interessante – principalmente para esse tipo de ocorrência, os demais casos de sândi e os marcados como duvidosos a respeito da presença da nasalidade – verificar como foram interpretados os dados aqui analisados em estudos feitos sobre a concordância verbal no mesmo *corpus*.

Em termos de síntese dos fatores condicionantes das expressões fônicas das desinências, observou-se que grupos de fatores extralinguísticos atuam fortemente sobre o fenômeno, condicionado principalmente pela faixa etária do informante e por seu nível de escolaridade. Dentre as variáveis linguísticas, destacaram-se a tonicidade da sílaba, a incidência de sândi e o contexto subsequente.

Quanto à tonicidade da sílaba da desinência, verificou-se forte influência sobre o fenômeno: sílabas tônicas são resistentes à variação e realizações do tipo *padrão* são as prototípicas nesse contexto.

Em rodadas multivariadas considerando apenas os dados com a desinência de P6 em sílabas átonas, ficou comprovado, em primeiro lugar, que o sândi é desfavorecedor de realizações dos tipos *padrão* e *nasal* e que a falta de nasalidade em contexto subsequente – à exceção do que diz respeito ao contexto *pausa*, que deixa o elemento em evidência – desfavorece realizações nasais. Nessas constatações, demonstra-se a interface entre os níveis morfossintático e fonético, pois a nasalidade, que é sensível ao contexto subsequente e à ocorrência de sândi, é um traço importante para a marcação de plural e é o que, em muitos casos (*cant[ɐ]/cant[ẽ]*, *consequ[I]/consequ[ĩ]*), assegura a concordância.

A respeito do contexto circunvizinho à desinência de P6, considera-se importante observar, ainda, não só o contexto fônico subsequente à realização, mas também o elemento anterior. O par opositivo *pode/podem*, por exemplo, na variedade

carioca não tem sua diferença marcada apenas pela terminação: na forma verbal singular, realiza-se o fonema /d/ como uma africada e, na forma plural, como oclusiva. Fazer esse controle em trabalhos futuros parece um passo importante para reavaliar os níveis de saliência fônica e sua aplicação.

No que diz respeito aos condicionamentos extralinguísticos *nível de escolaridade* e *faixa etária*, observou-se um aumento do número de realizações *padrão* e nasais de acordo com a escolarização e a idade do informante, sendo os mais cultos e jovens os que favorecem esses dois grupos da variável dependente. Pode-se afirmar, portanto, que meios urbanos favorecem cada vez mais não só a marcação de plural – conforme atestado em estudos anteriores (Cf., por exemplo, VIEIRA; BAZENGA, 2013) sobre a concordância verbal –, mas a sua expressão *padrão*.

O fenômeno mostrou-se sensível, também, à variável *localidade*. Confirmou-se ser a região de maior prestígio social/cultural, Copacabana, a favorecedora das variantes *padrão* e com traço de nasalidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado, não obstante seu caráter inicial, mostrou-se produtivo no sentido de aprofundar uma das faces do fenômeno da concordância verbal, qual seja a da expressão fonética da desinência de terceira pessoa do plural. A relevância da investigação pode ser aferida em termos metodológicos, no sentido de fazer repensar os expedientes gramaticais que garantem a identificação do traço de concordância, e ainda em termos descritivos, visto que demonstra alta sistematicidade e relevância de variáveis externas e internas, de natureza fonética, quanto à expressão formal da concordância.

Como etapas futuras da análise, entende-se haver uma longa agenda de investigação em que se desenvolvam, ainda, as tarefas de: a) ampliar o *corpus*, para que se contemplem as faixas B (36 a 55 anos) da variedade brasileira de ambas as regiões; b) (re)analisar dos dados em relação à marca (e à ausência de marca) da concordância, o que implica tratamento mais apurado de formas verbais no pretérito perfeito e no infinitivo e de pares opostos com irregularidade – casos em que a concordância está para além da desinência; c) verificar como os dados aqui analisados foram interpretados em estudos sobre a concordância verbal; d) comparar os resultados obtidos neste estudo com os de investigações centradas em outras variedades do Português; e) revisar os casos de elisão; f) expandir o controle do contexto fonético em que se encaixa a desinência para a consideração também do seu elemento anterior; g) verificar uma possível influência da configuração articulatória do elemento posterior; e, finalmente, h) repensar os níveis de saliência fônica por variedade a partir de sua realidade fônica no que diz respeito à expressão da desinência de P6.

Espera-se, por fim, que este mapeamento contribua com o controle mais refinado da saliência fônica, a fim de que se avancem os conhecimentos dos padrões de concordância do Português – fenômeno de grande importância no debate sobre as origens da variedade brasileira.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, N. H. M. *Uma contribuição para o estudo da expressão fonética de P6 em português com base na variedade urbana de São Tomé*. 2016. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras: Português-italiano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BARRETO, F. V. V. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no Português Europeu*. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

CHAVES, R. G. Princípio de Saliência Fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, v. 7, p. 522-550, 2015.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. 1981. PhD Dissertation (Linguistics) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1981.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Blackwell, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change*. v. 3. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2010.

LEMLE, M.; NARO, J. A. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização, 1977.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *LSA, Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

_____; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et alii (Eds.) *Papers from the parasession on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, p.221-241, 1976.

NICOLAU, E. M. das D. *A Ausência de Concordância Verbal em Português: uma abordagem sociolinguística*. 1984. 196fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.

_____. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano IV, n. 3, v. 2, p. 41-67, 1995.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985. 96 p. (Princípios).

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. . Patterns of 3rd person plural verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, p. 7-50, 2013.

_____; BRANDÃO, S. F.; GOMES, D. K. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no Português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, S. R. (Org.). *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética-Morfossintaxe*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho - FAPERJ, 2015. v. 1. p. 104-155.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. (1968) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lammoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Lingua[gem]; 18)